



Economia-mundo capitalista e as especificidades de um sistema em camadas

Capitalist world-economy and the specificities of a layered system

João Pedro Câmara Pereira¹

RESUMO: Neste trabalho, sob a ótica da perspectiva dos sistemas-mundo, apresento uma discussão geral acerca do capitalismo como uma economia-mundo e busco ressaltar as implicações de se adotar tal linha de estudo para a compreensão de seu funcionamento. Mediante revisão bibliográfica, acompanhar-se-á como, desde sua origem, a economia-mundo capitalista estrutura-se por uma divisão integrada do trabalho e expande-se para todo o globo, incorporando Estados nacionais à sua lógica de acumulação incessante de capital e reproduzindo uma permanente estrutura desigual em camadas.

Palavras-chave: Economia-mundo capitalista. Divisão integrada do trabalho. Sistema em camadas.

ABSTRACT: In this paper, from the world-systems perspective, I present a general discussion on capitalism as a world-economy and seek to highlight the implications of adopting such a line of study for the understanding of its functioning. Through bibliographic revision, it will be followed how, since its origin, the capitalist world-economy is structured by an integrated division of labor and expands itself to the whole globe, incorporating national states to its logic of incessant accumulation of capital and reproducing a permanent unequal layered structure.

Keywords: Capitalist world-economy. Integrated division of labor. Layered System.

Introdução

O mundo pós-1945 é marcado pela emergência dos Estados Unidos e da União Soviética como potências antagônicas, pelas ondas de libertação nacional e esfacelamento da condição colonial e pela tendência crescente de se teorizar sobre o que viria a ser

¹ Graduando em Ciências Econômicas da Universidade Federal do Maranhão. Email: joaope07@gmail.com



reconhecido como Terceiro Mundo. Uma significativa parte deste último esforço mobilizou estudiosos dos Estados Unidos e de partes da Europa, representantes do Mundo Livre e, por consequência, do que se concebia àquela época ser o *locus* do progresso humano. Todavia, as realidades do Terceiro Mundo não eram facilmente explicadas pelas produções hegemônicas das ciências sociais, que ainda estavam presas a concepções específicas do século XIX. Um dos primeiros movimentos, então, em direção à adequação dos estudos a essas realidades foi a constituição da teoria da modernização, cujo princípio era de que todos os Estados nacionais passariam, obrigatoriamente, por uma sequência de estágios, algo como um progresso evolucionário. Aqueles mais paupérrimos e atrasados – Terceiro Mundo – eram a base, enquanto os desenvolvidos representavam o estágio final. A conclusão dessa interpretação era de que havia uma lei geral de desenvolvimento social, isto é, que todas as sociedades, em algum momento, chegariam ao estágio mais avançado dos Estados desenvolvidos, representantes últimos da bonança e da democracia.

A análise dos sistemas-mundo ganha forma na década de 1970, em meio a um ambiente cultural que ainda repercutia os abalos de 1968, tendo como núcleo institucional o *Fernand Braudel Center* (1976) e espaço de publicação o periódico *Review* (1977). Immanuel Wallerstein, considerado o seu primeiro grande expoente, publica o primeiro volume de *The Modern World-System* em 1974. Todas as contribuições posteriores, feitas por nomes como Giovanni Arrighi e Christopher Chase-Dunn, em certa medida incorporam as proposições originais de Wallerstein e as enriquecem com hipóteses próprias, ou apenas as utilizam como referencial teórico para, em seguida, afastar-se. O que é comum, entretanto, a todos os pesquisadores dos sistemas-mundo é a percepção da fragilidade da ideia de progresso inevitável; o próprio Wallerstein admite que, nos anos 1970, as condições para a formulação da perspectiva dos sistemas-mundo já estavam amadurecidas, posto que naquele momento havia uma forte desilusão, nascida dos protestos globais de 1968, com a retórica de que todos caminhavam rumo a uma sociedade mais justa e democrática – o que havia sido, até então, o mote da Guerra Fria, em ambos os lados em disputa. Essencialmente, 1968 representou somente o rompimento definitivo com promessas e projetos político-econômicos que já mostravam sinais de desgaste há algum tempo: os avanços econômicos experimentados no continente africano colapsaram ainda nos anos 1960; a América Latina, juntamente com o mundo comunista, viria a



conhecer sua derrocada nas décadas de 1970 e 1980; e os “milagres” asiáticos sofreriam uma reviravolta nos anos 1990. As teorias produzidas para explicar o atraso de alguns Estados nacionais não lograram abarcar os fenômenos da segunda metade do século XX, seja por não compreenderem a dinâmica histórica do capitalismo, ou por motivos evidentemente ideológicos². Em muitos casos, essas duas questões se misturavam. A perspectiva dos sistemas-mundo nasce como protesto contra esses trabalhos, especialmente contra a teoria da modernização, embora em um ambiente institucional tido como *locus* principal dessas produções³.

1. Economia-mundo capitalista e suas características

Em todas as áreas do conhecimento, quando o objetivo da pesquisa é abordar o todo – seja ele qual for (economias, civilizações etc.) - e as relações entre suas partes constituintes, certas terminologias são comumente utilizadas, como estruturas e sistemas. Argumenta-se que esse todo conforma um verdadeiro mundo *per se*, cujas principais características, aquelas de maior duração, estavam presentes já no momento de sua gênese. No caso de uma leitura particular a pesquisas nas ciências sociais, afirma-se que essas características, embora perdurem por longos séculos, nunca são as mesmas em todas as épocas; suas formas fenomênicas correspondem ao momento histórico em que se fazem presentes.

No intento de reavaliar o debate acerca do desenvolvimento das nações e, de forma mais geral, da natureza e evolução do capitalismo, Wallerstein e outros conceberam este último como um sistema-mundo - uma perspectiva essencialmente holística. Neste ponto, vale realizar uma rápida comparação com uma outra teoria social⁴ que, em busca de uma

² Um dos trabalhos de grande repercussão na época foi o “Etapas do Desenvolvimento Econômico”, do norte-americano Walt Whitman Rostow, cujo subtítulo era “um manifesto não comunista”.

³ Wallerstein, norte-americano, e Arrighi, italiano de origem, ambos pertencentes à primeira geração de pesquisadores dos sistemas-mundo, realizaram trabalhos em países africanos durante a década de 1960. Anos depois, reconheceram nessas experiências uma ruptura com a prática intelectual advinda de seus anos de formação em instituições reprodutoras, em certo grau, das estruturas científicas do século XIX.

⁴ Ressalta-se que Wallerstein, enquanto em vida, não chegou a considerar a perspectiva dos sistemas-mundo uma teoria estabelecida, a despeito de inúmeros trabalhos, que se reivindicavam pertencer a essa corrente, utilizarem, vez ou outra, o termo *teoria dos sistemas-mundo*. As explicações para tal opinião não cabem neste trabalho.



abordagem totalizante, também empregou o termo sistema - a teoria funcionalista. Para esta última, de forma breve, segundo Brussi:

qualquer sistema social deve gerar (...) estabilidade continuada. Em tal ambiente, a mudança, quando ocorre, deve afetar gradual e harmonicamente todas as partes componentes do todo social, de modo a impedir o surgimento de desequilíbrios sistêmicos perturbadores da harmonia, *ergo* da ordem social prevalecente. (Brussi, 2015, p. 29).

A perspectiva dos sistemas-mundo, contudo, considera o capitalismo, desde seu surgimento, como um sistema social *histórico* que, estruturado por uma divisão integrada do trabalho que atravessa e *associa* vários Estados nacionais e orientado pela acumulação incessante de capital, tende a se distanciar de uma situação de harmonia. Os sistemas da economia-mundo capitalista – sistema interestatal e interempresarial, cada qual condicionado por ritmos próprios, porém sempre em intersecção – possuem fases de cooperação e de escalada dos conflitos; as tensões entre os dois maiores agentes do capitalismo – o capital e o trabalho – intercalam-se entre esses dois sistemas, ora apresentando-se na arena interestatal, ora no nível da produção mundial.

A divisão integrada do trabalho, ao final do século XIX, já cobria todo o globo – um feito único da economia-mundo capitalista. Sua principal característica é a existência de uma extensa cadeia de mercadorias definida como, segundo Barbosa:

uma sequência complexa, onde a partir de uma dada mercadoria de consumo final é possível retomar todo o conjunto de insumos e fatores que através de transformações sucessivas deram origem à mercadoria consumida. (Barbosa, 2013, p. 37).

Ao longo dessa cadeia, várias operações condensam-se em nós. As condições prevalecentes em cada nó variam: em alguns, há um alto nível de competição entre os produtores, enquanto em outros as atividades econômicas são relativamente monopolizadas; há nós em que a força de trabalho é empregada majoritariamente em troca de salários, e há aqueles onde os empregadores utilizam maneiras mais coercitivas de controle do trabalho. As atividades mais rentáveis encontram-se nos nós onde o nível de monopolização é maior – embora haja produção de lucro ao longo de toda a cadeia - e tendem a concentrar-se geograficamente em poucas áreas que, coletivamente, são



denominadas de zona central⁵. As atividades dos nós com menor grau de rentabilidade apresentam maior dispersão geográfica e estão presentes em áreas chamadas periféricas - mais abundantes na economia-mundo. A relação entre essas zonas constitui-se, então, como uma relação entre os processos mais monopolizados e os mais competitivos – uma relação entre o capital mundial e o trabalho mundial em que, ecoando o princípio das trocas desiguais⁶, além de haver expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas, os capitalistas das atividades de centro obtêm maiores benefícios nas suas trocas com os capitalistas das atividades periféricas. Portanto, por engendrar processos de exclusão e exploração, a reprodutibilidade do capitalismo leva à inviabilidade de *todos* os Estados desenvolverem-se, seja na instância econômica, política ou social – o que resulta numa estrutura estratificada, em camadas, permanente, com pouca mobilidade.

2. Conclusão

O pensamento científico, em todos os campos do conhecimento, reflete as agitações da humanidade num dado momento da história. Nas últimas décadas do século XIX, houve uma renovação no estudo da Economia; no início do século XX, a revolução na Física, personificada em Einstein, foi recebida com pessimismo por acadêmicos inflexíveis, obstinados com as ideias que fizeram suas carreiras; nas décadas de 1990 e 2000, já não havia espaço para os críticos das grandes narrativas, enquanto os estudos sobre as redes e o tema da complexidade se multiplicavam. Todas essas inovações e rupturas do pensamento corresponderam a mudanças ocorridas no mundo de sua época e à inquietação de um grupo de intelectuais. Assim deu-se a origem da análise dos sistemas-mundo, como protesto à crença dominante de que todos ainda caminhavam em direção ao progresso e de que cabia a cada Estado agir em prol desse objetivo. Compreender o capitalismo, sua dinâmica e suas tendências, pela perspectiva dos sistemas-mundo,

⁵ O conceito centro-periferia, aplicado ao entendimento do comércio internacional, foi desenvolvido por Raúl Prebisch e mais alguns intelectuais membros da CEPAL. Wallerstein sempre destacou a influência dos cepalinos no seu pensamento; porém, alertava para uma confusão regularmente feita: muitos teóricos caracterizavam os Estados como centrais e periféricos, posto que as atividades tendiam a se agrupar em certos países. Para a análise dos sistemas-mundo, são as atividades econômicas que devem ser definidas como tal.

⁶ Há um amplo debate acerca da utilização teórica da ideia de trocas desiguais na perspectiva dos sistemas-mundo para explicar as desigualdades entre os países, mas não cabe neste trabalho abordar essa questão em detalhes.



renovou o debate sobre o sucesso e o conseqüente estrangulamento dos Estados, através da negação de uma interpretação atomizada.

Referências Bibliográficas

- BARBOSA, Glaudionor Gomes. *Sistema-mundo e semiperiferia*. São Paulo: LCTE Editora, 2013. (Série Economia de Bolso)
- BRUSSI, Antônio J. E. *Semiperiferia: uma revisitação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.
- FIORI, José Luís. “Introdução: De volta à questão da riqueza de algumas nações”.
- FIORI, José Luís (Org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MARIUTTI, Eduardo Barros. Considerações sobre a perspectiva do sistema-mundo. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, v. 2, n. 69, p. 89-103, 2004. Disponível em: <http://novosestudos.com.br/produto/edicao-69/#591bd8dac7998>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- WALLERSTEIN, Immanuel. “The inter-state structure of the modern world-system”.
- SMITH, Steve; BOOTH, Ken; ZALEWSKI, Marysia (Ed.). *International Theory: positivism and beyond*. New York: Cambridge University Press, 1996.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *World-systems Analysis: An Introduction*. Durham: Duke University Press, 2004.